CONVERSAS COM PÓS-GRADUANDOS

BRANDÃO, Zaia. **Conversas com pós-graduandos**. Rio de Janeiro: Forma e Ação, 2010. 124 p.

Resenhado por:

Mariana Silva Santos

Universidade Federal de Ouro Preto

Conversas com pós-graduandos, de autoria Zaia Brandão, é composto por cinco capítulos, que correspondem a cinco ensaios, em que a autora aborda temáticas relativas ao ofício do pesquisador, baseada em sua experiência como pesquisadora e orientadora de discentes. No decorrer da obra, a autora trata de questões referentes ao ofício do pesquisador, sobretudo o pesquisador iniciante. A procura pela bibliografia, a metodologia e a prática interdisciplinar na pesquisa em educação são alguns tópicos discutidos por Brandão.

No primeiro capítulo, *Conversas com pós-graduandos (sobre leituras, trabalhos acadêmicos e pesquisa em educação)*, a autora discute alguns problemas enfrentados pelos estudantes de pós-graduação, aqueles que, normalmente, são considerados pesquisadores iniciantes. Uma boa pós-graduação, afirma Brandão, não pode prescindir de uma familiarização intensa com a literatura da área (BRANDÃO, 2010, p.15). Essa intimidade será adquirida por meio da construção do *habitus* científico, que significa conhecer as obras importantes da área por meio de uma imersão na biblioteca, de um exercício de curiosidade e pesquisa (BRANDÃO, 2010, p.17). A noção de *habitus* empregada pela autora advém de Bourdieu, e pode ser traduzida pelas experiências vivenciadas pelo sujeito, experiências essas que estruturam internamente sua subjetividade, constituindo uma matriz de percepções e apreciações que orientaria as ações do sujeito nas situações subsequentes (NOGUEIRA, 2006, p.28). Esse *habitus* acabará por desenvolver no pesquisador um faro intelectual (BRANDÃO, 2010, p.22). O conhecimento dos autores, no entanto, não deve ser transformado num processo sem fim de citações no trabalho acadêmico. Essas não devem ser utilizadas apenas para aumentar ou adensar o texto, mas para recorrer a um argumento de autoridade, referir-se originalmente a algum assunto, exemplificar, ou ainda colocar uma epígrafe (BRANDÃO, 2010, p.20).

O segundo capítulo, *Entre questionários e entrevistas*, tem como foco os cuidados necessários à utilização de entrevistas e questionários. Para atender a essa proposta, ela inicia a discussão criticando os antagonismos micro/macrossocial, qualitativo/quantitativo, no que se refere à análise de fenômenos sociais. Esses seriam, segundo Brandão, complexos demais para serem analisados a partir de uma ortodoxia metodológica. O monismo metodológico e a aceleração inadequada, explicados a seguir, são atitudes equívocas para a prática da pesquisa. A autora utiliza Bourdieu para afirmar que o monismo metodológico é resultado da *arrogância da ignorância*, e que o pesquisador opta pelo método quantitativo ou qualitativo pela incapacidade de trabalhar com o outro (BRANDÃO, 2010, p.32).

A autora chama a atenção para a aceleração inadequada em dois momentos cruciais da pesquisa: o da delimitação do objeto e o da análise e interpretação dos resultados. Adquirir rigor científico também pode se configurar numa dificuldade, uma vez que tal atividade exige tempo e esforço, e a consciência de que os materiais de pesquisa não são dados, mas construídos (BRANDÃO, 2010, p.33-35). O trabalho de pesquisa não pode prescindir de uma teoria colocada *a priori*, mas ela pode e deve ser testada pelo trabalho de campo (BRANDÃO, 2010, p.38). A fim de dizer qual instrumento é mais adequado em cada caso, Brandão estabelece uma diferença entre entrevistas e questionários a partir de Blanchet & Gotman (1992). Questionários seriam utilizados quando o pesquisador conhece o mundo de referência, enquanto entrevistas são mais úteis quando se ignora o mundo de referência (BRANDÃO, 2010, p.45). Ambos, questionários e entrevistas, precisam ancorar-se em categorias que, quando bem definidas, asseguram a consistência dos dados produzidos, possibilitando análises e interpretações mais densas (BRANDÃO, 2010, p.47).

O terceiro capítulo, *A construção de um objeto de pesquisa (problematizando a interdisciplinaridade)*, trata sobre a temática da interdisciplinaridade. Mesmo acreditando na importância da prática, a autora chama a atenção para o cuidado que se deve ter ao empregá-la. A importância da prática seria, portanto, assegurada pela flexibilização das fronteiras entre as áreas do conhecimento, o que exige que os pesquisadores se atentem ao que tem sido produzido acerca de seus objetos por outras áreas ou campos do conhecimento. Alerta, ainda, que apenas utilizar o vocabulário e algumas referências de uma área específica não determina uma prática interdisciplinar consistente, mas práticas de pesquisa pouco rigorosas (BRANDÃO, 2010, p.58/59). A autora discute alguns autores que se posicionam acerca da interdisciplinaridade, a saber: Luiz Eduardo Soares (1991), que afirma ser necessário que a interdisciplinaridade se ancore em um campo disciplinar (BRANDÃO, 2010, p.60); Bourdieu (1990), para o qual a interdisciplinaridade requer uma cultura teórica que garantirá opções teórico-metodológicas adequadas aos problemas de pesquisa (BRANDÃO,

Olh@res, Guarulhos, v. 1, n1, p. 505-510, maio. 2013.

2010, p.61); e Viviane Isambert-Jamati (1992), que defenderá a interdisciplinaridade na pesquisa em educação (BRANDÃO, 2010, p.61). Brandão discute acerca de dois entraves existentes no que se refere à interdisciplinaridade. O primeiro refere-se ao risco de unir disciplinas que não tenham congruência para explicar fenômenos educacionais e, o segundo, aos limites impostos pela especialização disciplinar para esse mesmo fim (BRANDÃO, 2010, p.62). Para ilustrar essa questão, a autora expõe uma experiência de pesquisa em que ela relacionou História e Educação para problematizar a responsabilidade atribuída aos Pioneiros da Educação Nova pela construção de um sistema público de ensino no Brasil. Na leitura e na utilização das fontes de sua pesquisa, e a partir de movimentos de questionamento e problematização das ideias de Paschoal Lemme – que era partidário de uma visão de esquerda e propunha uma modernização da escolarização – a autora aprimora sua maneira de pesquisar, buscando na própria História outras perspectivas (como a historiografia que relaciona História e Memória) e produzindo um resultado mais satisfatório. Esse processo é denominado por ela de *mergulho disciplinar* (BRANDÃO, 2010, p.70), que no caso específico dessa experiência relatada deu-se pelo aprofundamento na leitura de historiadores de ofício a fim de melhorar a reflexão sobre problemas teóricos do campo da educação (BRANDÃO, 2010, p.72). A conclusão desse ensaio é feita com uma questão acerca da capacidade dos programas de pós-graduação em fornecer cultura teórica aos seus estudantes (BRANDÃO, 2010, p.75). No capítulo quatro, *A teoria como hipótese*, Brandão aborda duas características do campo científico atual: a flexibilização das fronteiras entre as áreas do conhecimento e a flexibilização da noção de verdade científica (BRANDÃO, 2010, p.84). Segundo a autora, há uma recorrente afirmação de que a pesquisa educacional tem se revestido de pouca consistência e de uma ausência de tradição teórica. Tende-se a reproduzir teorias em vez de operar criticamente com as referências teóricas (BRANDÃO, 2010, p.86). Em decorrência dessa parca consistência teórica e reafirmando a necessidade da prática interdisciplinar, Brandão afirma que a pesquisa em

educação depende de outras áreas (BRANDÃO, 2010, p.87). A autora desenvolve uma reflexão sobre o processo de constituição da pesquisa em educação como campo especializado, a partir de três momentos: a procura do estatuto científico; a procura da identidade científica; a procura de uma hegemonia teórica (BRANDÃO, 2010, p.87). No que se refere à procura do estatuto científico, afirma que o principal objetivo é a experimentação, representada pelas ações de explorar e provar. O estatuto científico acredita na neutralidade, na separação entre o sujeito que investiga e o objeto de investigação. (BRANDÃO, 2010, p.88). Quando trata da procura da identidade científica, um dos pressupostos é o de que se deve explicitar o lugar de onde se fala, ou seja, não se parte para a empiria sem uma teoria (BRANDÃO, 2010, p.90). Quando se detém na explicação do último momento, o da procura da hegemonia teórica, destaca a crescente importância da fala hegemônica dentro de uma comunidade especializada, que constitui um público consumidor de uma fala comum (BRANDÃO, 2010, p.91). A hegemonia teórica instaura uma disputa teórica a fim de definir qual o melhor parâmetro teórico-metodológico para um campo, o que faz com que a teoria assuma um tom de verdade (BRANDÃO, 2010, p.92). Brandão refuta a noção de teoria como explicação do real, afirmando que, para ela, a teoria é sempre uma hipótese (BRANDÃO, 2010, p.95). Afirma ainda que, quanto mais atingimos o conhecimento, mais temos noção da nossa ignorância (BRANDÃO, 2010, p.96).

O quinto e último capítulo, *Para além das ortodoxias (a dialética micro/macro na sociologia da educação)*, aborda uma questão já tangenciada anteriormente no livro em questão, da necessidade de superação do antagonismo entre as perspectivas micro e macrosociológicas na sociologia da educação (BRANDÃO, 2010, p.102). Há um movimento denominado *novas sociologias* ou *novo movimento teórico* que exclui essa dicotomia entre micro e macrosocial, afirmando que o coletivo é individual e que o micro forma o macro (BRANDÃO, 2010, p.106).

Existem, segundo Brandão, duas posições epistemológicas polares sobre as perspectivas micro/macro. A primeira pretende construir teorias gerais sobre

Olh@res, Guarulhos, v. 1, n1, p. 505-510, maio. 2013.

as relações sociais, centralizando-se nas estruturas da sociedade (BRANDÃO, 2010, p.106). A segunda descarta noções gerais para definir a sociedade, adotando para análise fragmentos microssociais (BRANDÃO, 2010, p.107). A autora cita o sociólogo americano Jeffrey C. Alexander para abordar o novo movimento teórico. No contexto do pós-Segunda Guerra surgem, segundo ele, perspectivas microssociais de inspiração fenomenológica, como a teoria das trocas, o interacionismo simbólico e a etnometodologia (BRANDÃO, 2010, p.108). Surgem, por outro lado, perspectivas macrossociais, defendidas pelos “teóricos do conflito” (BRANDÃO, 2010, p.109). O que Alexander afirma é que o novo movimento teórico intenta juntar essas duas perspectivas objetivando uma melhor compreensão da relação entre o individual e o coletivo, a partir do estudo da cultura. Essa perspectiva do novo movimento teórico, no entanto, não encontrou adeptos entre nós (BRANDÃO, 2010, p.116). Brandão reconhece a necessidade de se articular as duas perspectivas, negando a superioridade de uma ou de outra, mas transfere ao pesquisador a responsabilidade para optar pelo instrumento de análise mais adequado para investigar seu problema, considerando o seu campo de pesquisa (BRANDÃO, 2010, p.121).

Referências Bibliográficas

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.